

Entrevista

Paulo Gago da Câmara, diretor da Direção de Sistemas de Informação da Bensaude Serviços, apresenta os novos investimentos do Grupo na área dos negócios digitais

“Estamos a fixar talentos e a atrair outros para virem trabalhar para os Açores”

EDUARDO RESENDES



ANA CARVALHO MELO
anamelo@acorianooriental.pt

O que motivou a aposta na área dos negócios digitais?

A história do Grupo Bensaude é repleta de reinvenções, o Grupo está sempre atento a novas oportunidades de negócios e todos sabemos que neste momento a economia digital está em evidência.

Nós já há algum tempo que estávamos a olhar para esta hipótese. Já investimos há mais de 20 anos em tecnologias e sistemas de informação para dentro e achamos que estava no momento certo, aproveitando o nosso *know-how* e algumas parcerias que já tínhamos, de investir nesta área em parceria.

O Grupo Bensaude passa assim a ter participação na Azores Hive e na Sparkyway. A que se dedica esta empresa, a Azores Hive?

A Azores Hive é uma parceria com a AMT Consulting, que é uma empresa portuguesa já com 15 anos de existên-

cia, sendo o fruto de alguns anos de namoro, que agora se materializa na criação de um centro de competências digitais nos Açores. É uma empresa com sede em Ponta Delgada que tem como objetivo e missão dar suporte e implementar projetos cloud recorrendo a tecnologias de ponta como SAP e Outsystems, apostando também em parcerias com a academia regional, nomeadamente a Universidade dos Açores, e o ensino profissional através da ENTA - Escola de Novas Tecnologias dos Açores, dada a nossa relação com esta escola e a qualidade dos formandos que nela terminam os seus estudos.

A nossa ambição é a três anos chegarmos a trinta colaboradores.

E a Sparkyway?

É uma startup regional com a qual já tínhamos algum contacto e em que nós acreditamos, por isso nos fizemos parceiros viabilizando o projeto do ponto de vista da sua capitalização. Esta empresa vai desenvolver software próprio que tem

“Num caso estamos a criar uma empresa nova e no outro a investir numa empresa já existente, sendo que em ambas não estamos a olhar só para o mercado regional”, destacou

como objetivo acelerar a transformação digital de processos operacionais de diferentes setores, permitindo que os clientes possam melhorar a eficiência dos serviços que prestam aos clientes. A nossa previsão é a três anos chegarmos aos seis a oito postos de trabalho.

Num caso estamos a criar uma empresa nova e no outro a investir numa empresa já existente, sendo que em ambas não estamos a olhar só para o mercado regional, mas para o mercado global. Por isso, nos planos de negócio dos dois projetos está contemplado o vetor da internacionalização e do mercado do continente português, sem descurar as oportunidades no mercado regional.

Estes investimentos foram pensados

ainda antes da pandemia, pelo que não preveem contar com qualquer apoio do Plano de Recuperação e Resiliência, esperando nós que esses apoios possam apoiar as empresas que poderão vir a ser nossos clientes.

Isto é também uma aposta no emprego especializado?

Estamos a fixar talentos e também a apoiar a academia a desenvolver talentos locais porque estamos a criar uma oferta de trabalho qualificado para quando acabarem os seus cursos. Com isto estamos obviamente a investir na economia regional, a primar por fixar talentos cá e, se calhar, até a atrair outros para virem trabalhar para os Açores.

A transição digital é um paradigma que está ordem no dia. Em que consiste exatamente?

Muitas vezes fala-se em transição digital, mas eu acho que esta aconteceu já nos anos 90 quando transitámos para meios digitais para fazer coisas que já fazíamos. Eu gosto mais de falar em transformação digital, uma vez que é esta que faz a diferença nas empresas e na nossa vida, que é o olhar para a forma como fazemos diferentes processos ou negócios e ver como é que aplicando tecnologia se pode fazer isso de forma diferente, mais fácil, mais ágil e criando valor. E a transformação digital em alguns casos também cria novos negócios, mas também - a verdade seja dita - termina com alguns modelos de negócios que deixam de fazer sentido. A Netflix é um exemplo clássico. Antigamente alugávamos filmes fisicamente e agora assistimos a filmes e séries por *streaming* nos mais variados dispositivos e locais, que é um negócio puramente digital, estes chegam a todo o mundo, acabando por tornar obsoleto o negócio do aluguer de filmes tradicional. Mas a transformação digital também tem impacto positivo noutros aspetos da nossa vida particular quando compramos alguma coisa num centro comercial virtual ou quando usamos uma aplicação para pagar o parquímetro, por exemplo.

Como é que o Grupo Bensaude tem apostado na transformação digital?

O Grupo Bensaude já há muitos anos que aposta e investe na sua transformação digital, claro que esta se tem acelerado muito nos últimos anos acompanhando a transformação a nível mundial e a pandemia veio dar ainda mais evidência a tudo isso. Há já mais de 20 anos que investimos em tecnologias, sistemas de informação e mais recentemente em transformação digital. E foram muitas dessas competências que foram criadas ao longo desses anos pela equipa da Direção de Sistemas de Informação da Bensaude, SA que agora estamos a capitalizar nestes investimentos, olhando também um bocadinho para fora do grupo, entrando nestas parcerias com capital mas também com o nosso *know-how*. ♦